

“Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem um homicídio” Vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos registros de óbito (Porto Alegre /RS)

Paulo Roberto Staudt Moreira¹

Resumo: A intenção deste artigo é explorar a potencialidade dos registros de óbitos de cativos para o entendimento da sociedade escravista oitocentista. Percebemos nos últimos anos o crescimento das pesquisas que têm focado a temática da morte, da saúde e das doenças, mas ainda poucas destas pesquisas se voltam à população escravizada. Nosso objetivo é um estudo que estabeleça como variáveis as causas das mortes, cruzando-as com as faixas etárias, origem e gênero dos indivíduos falecidos.

Palavras-chave: Saúde, morte, cura, escravidão.

Abstract: The intent of this paper is to explore the potentiality of death records of slaves to the understanding of nineteenth-century slave society. We noticed in recent years the growth of research that have focused on the theme of death, health and illness, yet few of these studies are focused on the enslaved population. Our goal is to establish a study variables as the causes of deaths, crossing them with the age, origin and gender of the deceased individuals.

Keywords: Health, death, healing, slavery.

A intenção deste artigo é explorar a potencialidade dos registros de óbitos de cativos para o entendimento da sociedade escravista oitocentista. Percebemos nos últimos anos o crescimento das pesquisas que têm focado a temática da morte, da saúde e das doenças, mas ainda poucas destas pesquisas se voltam à população escravizada. Nosso objetivo é um estudo que estabeleça como variáveis as causas das mortes, cruzando-as com as faixas etárias, origem e gênero dos indivíduos falecidos.

O deputado liberal Gaspar Silveira Martins era conhecido, entre outras coisas, por ser um temível orador, de verve afiadíssima e voz possante o suficiente para ser ouvida por cima das conversas paralelas das casas legislativas por onde circulou.

Era praxe os afiliados ao partido, que eram obrigados a abandonar os gabinetes imperiais, na gangorra promovida pelo Imperador, pronunciarem virulentos discursos contra os desmandos cometidos pelo partido que liderava momentaneamente o governo. Entre março de 1871 e junho de 1875 funcionou o Gabinete conservador do Visconde do Rio Branco, sendo seu representante na Província de São Pedro, João Pedro Carvalho de Moraes.

Pois foi contra arbitrariedades perpetradas pela polícia ao mando do conservador Carvalho de Moraes que Silveira Martins dirigiu sua tonitruante capacidade de tribuno. Corria o ano de 1874 e, segundo Gaspar, os *morcegos* encarregados da segurança pública da capital da província de São Pedro *atacaram* duas *senhoras* “ao se retirarem da casa de uma irmã, que estava doente”.² Feita a denúncia o Ministro da Justiça deu início a rotineira busca de informações: correspondeu-se através de Aviso Reservado com o Presidente da Província do Rio Grande do Sul, que por sua vez pediu esclarecimentos ao Chefe de Polícia, que imediatamente interpelou o Delegado de Polícia de Porto Alegre.

O Delegado Feliciano Joaquim de Bormann desmentiu o Deputado liberal, dizendo que o mesmo “inverteu escandalosamente a verdade”. Ele informou que em 7 de março daquele ano de 1874 teve denúncia de que existia na rua do Arvoredo, no centro da capital, uma casa habitada por “um índio velho (espécie de Juca Rosa na Corte)³, de nome Manoel Antonio Coelho, que anunciava fazer curas milagrosas, que lia a Buena dicha e proporcionava casamentos felizes, em cuja casa se reunia alta noite gente suspeita”. Para averiguar a *qualidade das* pessoas que freqüentavam este local, o Delegado

¹Professor e pesquisador do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); historiógrafo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Atua, especialmente, nas áreas de História e Historiografia Brasileira do período imperial. Publicou, entre outros textos, sua tese de doutorado *Os Cativos e os homens de bem- Experiências negras no espaço urbano* (Porto Alegre: EST, 2003), *Comunidade negra de Morro Alto. Historicidade, identidade e territorialidade* (em co-autoria; Porto Alegre: UFRGS, 2004) e *Que com seu trabalho nos sustenta: as cartas de alforria de Porto Alegre (1748-1888)* (em co-autoria; Porto Alegre: EST, 2007). Atualmente, desenvolve pesquisas sobre família e saúde escrava, feitiçaria e curandeirismo. E-mail: staudt@unisinos.br

²Arquivo Nacional - Série Justiça – Gabinete do Ministro – II1599 – Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça – 1874 (2º semestre). Morcego era a alcunha dada pelos populares aos policiais no século XIX. Ver: ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente*. Petrópolis, Vozes Ltda, 1988; e MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Entre o deboche e a rapina: Os cenários sociais da criminalidade popular* (Porto Alegre - século XIX). Porto Alegre: Armazém Digital, 2009 p.325.

³Sobre o feiteiro Juca Rosa e sua atuação na Corte, ver a tese de doutorado de Gabriela Sampaio: SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte imperial*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2009.

montou uma emboscada na vizinhança, surpreendendo às duas horas da manhã 3 homens e 5 *vultos* de mulheres:

Enquanto realizava a prisão de um dos homens, mandei que acompanhassem de longe para verificar onde residiam duas mulheres, que as carreiras tinham saído juntas, as quais perturbadas e não querendo ser reconhecidas, sempre correndo, cobriram as cabeças com as saias dos vestidos, e assim desceram a rua de Bragança até a rua dos Andradas, onde precipitadamente se recolheram a uma casa de costureiras, sendo então impossível reconhecer-se a identidade de pessoas. Com o estrépito das carreiras atraíram as ditas mulheres a atenção de alguns moços do comércio que ainda a tal hora se achavam no café Fulvio, Na manhã de 9 dei busca na casa do índio Manoel Antonio Coelho, encontrando ali medicamentos, bonecas, quadros obscenos e muitos outros objetos ignóbeis, pelo que assinou o dito índio termo de bem viver.

Documentos como este, ricos em detalhes sobre crenças e práticas de cura, abundam em nossos arquivos. A conexão imediata feita pelas autoridades entre o *índio velho* Manoel Antonio Coelho e o curandeiro Juca Rosa, evidencia como as autoridades sabiam ser o cotidiano oitocentista prenhe destes profissionais da cura e do contato com o sobrenatural. Mesmo que as autoridades usem de linguagem com carga pejorativa e etnocêntrica (*quadros obscenos, objetos ignóbeis*) são premidos a admitir também a presença de *medicamentos*.

Mas que este *índio velho*, espécie de Juca Rosa gaúcho, nos sirva de preâmbulo para o artigo que se segue. Este breve artigo faz parte de um projeto maior sobre o tema da saúde e da morte na formação social escravista meridional, que toma como locus de estudo a cidade de Porto Alegre, ao longo do século XIX (1800/1888). Este projeto é composto de dois tipos de investimentos investigativos complementares:

- a) causas das mortes, percebidas através dos registros de óbitos das paróquias da capital da província;
- b) identificação dos profissionais da cura existentes entre a comunidade negra local (Feiticeiros, curandeiros e sangradores) e das práticas de saúde desses especialistas.⁴

O universo mortuário a ser utilizado neste artigo será composto de 15.156 registros de óbitos de cativos relativos aos anos de 1820 a 1884, sendo 7.095 destes

coletados junto aos assentamentos de falecimentos da paróquia Matriz e 8.061 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

O estudo da morbilidade de uma sociedade⁵ tem se baseado, entre outros documentos, nos registros de óbitos. Realmente esses documentos são riquíssimos em informações, mas temos que prevenir-nos de alguns estorvos. Alguns desses estorvos são insanáveis, outros podem ser relativizados pelo cruzamento com outras fontes, como veremos.

Em primeiro lugar, temos que levar em consideração o sub-registro dos óbitos, não só por extravio ou esquecimento⁶, mas simplesmente porque era muito fácil enterrar cadáveres de cativos ilegalmente. Em ofício de 12.12.1871, o Vigário Colado Joaquim Lopes Rodrigues, ao enviar para o Presidente da Província as listas com as estatísticas populacionais de Jaguarão, ponderava:

[...] quanto a estatística dos óbitos, não pode ser fiel em sua totalidade, visto como pela Campanha existem vários intitulados – Campos Santos – onde sem formalidade alguma e conhecimento das Autoridades, se faz os enterramentos de quase a maior parte dos Paroquianos que por lá falecem, já mais de uma vez tenho feito a mesma reflexão a Sua Exa.⁷

Como veremos abaixo, muitos dos falecidos eram crianças recém-nascidas, com alguns dias ou meses de vida, que em muitos casos poderiam ter sido simplesmente enterrados nos quintais das casas ou ter outro destino ainda mais obscuro, jogados em terrenos baldios ou cursos de rios.

Outro dado irritante dos registros de óbitos é a heterogeneidade das anotações de falecimento, sendo que os dados constantes parecem estar sob o absoluto capricho dos párocos que as confeccionavam. Assim, existem dados como causa da morte, idade do falecido, etc., que às vezes constam e outras não, não havendo contínua homogeneidade.

Finalmente, devemos ainda mencionar que a informação sobre a causa da morte nos trouxe alguns momentos de insatisfação, mas que isso não deve ser atribuído somente aos religiosos. Entre as causas das mortes, muitas são evidentemente referências a sintomas aos quais os médicos não tinham condições de diagnosticar a que doenças pertenciam, seja por incompetência profissional ou descaso – como diarreia,

⁴Este segundo eixo investigativo tem tido como fonte principal os processos criminais e, secundariamente, documentos policiais e correspondências governamentais diversas. Quanto à localização e à identificação desses profissionais, ampliamos o locus de nosso trabalho para além dos limites físicos da capital da província, não só porque as fontes exigiam uma investigação mais ampla, mas também porque constatamos que os (bons) profissionais negros da cura muitas vezes circulavam pela província.

⁵Morbidade: “De maneira geral, o conceito está relacionado ao estudo das doenças, enfermidades ou moléstias de uma população”. NADALIN, Sergio Odilon. *Historia e Demografia: elementos para um diálogo*. Campinas, Associação Brasileira de Estudos Populacionais / ABEP, 2004: p. 172.

⁶NADALIN, Sergio Odilon. *Historia e Demografia: elementos para um diálogo*. Campinas, Associação Brasileira de Estudos Populacionais / ABEP, 2004: p. 61.

⁷Arquivo Histórico do RS – Fundo Assuntos Religiosos, maço 16.

“Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem um homicídio”
 Vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos registros de óbito (Porto Alegre /RS)

por exemplo.⁸ Como veremos abaixo, muitas das crianças nem chegaram a receber qualquer atendimento médico, sendo provável que a classificação da causa da morte tenha sido feita por hábitos cotidianos de medicina popular. Ou então, a causa da morte é *mal definida* ou genérica demais para abalizar qualquer estudo, como falecimentos causados por *moléstia interna*, *dor*, *moléstias crônicas*, *repentinamente*, etc.

Os registros paroquiais

Os documentos eclesiásticos são fundamentais para a história social. Infelizmente, nem todas as cúrias estão abertas à pesquisa histórica e as que abrem suas portas tem deficiências comuns as instituições arquivísticas laicas.⁹

Para as finalidades deste arquivo coletamos 8.061 registros de falecimentos de indivíduos escravos, retirados dos livros números 3, 4, 5 e 6 dos “assentamentos de óbitos dos escravos falecidos” da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, maior e mais antiga das paróquias locais, relativos aos anos de 1820 a 1858:

Tabela 1. Levantamento geral dos óbitos de escravos, por ano e gênero.

Anos	Homens		Mulheres		Total
	Nº	%	Nº	%	
1820/1821	214	65,05	115	34,95	329
1822/1823	192	56,14	150	43,86	342
1824/1825	345	60,10	229	39,90	574
1826/1827	365	59,45	249	40,55	614
1828/1829	393	54,66	326	45,34	719
1830/1831	386	56,93	292	43,07	678
1832/1833	318	58,14	229	41,86	547
1834/1835	357	63,07	209	36,93	566
1836/1837	368	54,28	310	45,72	678
1838/1839	389	54,79	321	45,21	710
1840/1841	253	58,29	181	41,71	434
1843 e 1845 ¹⁰	124	57,14	93	42,86	217
1846/1847	205	55,71	163	44,29	368
1848/1849	234	65,18	125	34,82	359
1850/1851	176	53,82	151	46,18	327
1852/1853	75	51,72	70	48,28	145
1854/1855	143	57,43	106	42,57	249
1856/1857	73	52,90	65	47,10	138
1858	32	47,76	35	52,24	67
Total	4.642		3.419		8.061

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

⁸Sobre medicina, recomendamos: WEBER, Beatriz Teixeira. *As Artes de Curar - Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense - 1889 - 1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999; WITTER, Nikelen. *Dizem que foi Feitico: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: PUCRS, 2000; WITTER, Nikelen. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*. Volume 10, nº 19, Niterói, jul./dez. 2005.

⁹Afortunadamente, a Cúria Metropolitana de Porto Alegre tem se caracterizado, nos últimos anos, por uma sensível melhoria no que se refere ao arranjo e conservação de seu acervo. Seu Arquivo Histórico, coordenado pela historiadora e arquivista Vanessa Gomes de Campos, custodia indispensável acervo produzido pela Igreja Católica em terras meridionais.

¹⁰Talvez em decorrência da guerra civil farroupilha, não encontramos os registros de óbitos relativos aos anos de 1842 e 1844.

¹¹Ver: BERUTE, Gabriel. *Rio Grande de São Pedro do Sul: uma análise do tráfico doméstico de escravos (1788-1822)*. Porto Alegre, UFRGS, 2006. (Dissertação de Mestrado em História); e FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras*. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

Computando o número total por gênero, encontramos 4.642 indivíduos do sexo masculino, perfazendo 57,59 % do total, e 3.419 do sexo feminino, compondo 42,41 % dos 8.061 óbitos, numa razão de sexo de 136. Este desequilíbrio sexual não tem sentido se não efetuarmos o cruzamento com a variável *origem*.

Tabela 2. Levantamento geral de óbitos de escravos, por origem e gênero.

Anos	Total	Masculino		Feminino	
		Crioulos	Africanos	Crioulos	Africanos
1820/1821	304	86	110	65	43
1822/1823	331	79	104	95	53
1824/1825	513	139	161	141	72
1826/1827	565	165	173	130	97
1828/1829	702	202	180	208	112
1830/1831	671	172	209	183	107
1832/1833	544	152	164	152	76
1834/1835	555	172	177	127	79
1836/1837	662	194	168	203	97
1838/1839	696	199	183	216	98
1840/1841	426	135	115	120	56
1843 e 1845	215	54	68	68	25
1846/1847	364	115	87	114	48
1848/1849	354	117	113	80	44
1850/1851	326	100	75	108	43
1852/1853	142	51	23	56	12
1854/1855	244	81	58	84	21
1856/1857	124	55	14	38	17
1858	61	17	12	26	6

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

De acordo com a tabela nº 2, podemos verificar uma diferença considerável entre a divisão de gênero de crioulos e africanos, o que é compreensível pela composição da população africana traficada pelo Atlântico. Conforme as análises feitas sobre o tráfico internacional de escravos, sabemos que através dele vieram, principalmente, africanos do sexo masculino.¹¹ A tabela nº 3 cruza faixa etária, origem e gênero:

Tabela 3. Número geral de óbitos de escravos, por faixa etária, origem e gênero.

Faixa etária	Total	Crioulos			Africanos			Não consta		
		Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem
0 / 7	3.541	3.524	1.809	1.715	17	9	8	XX	XX	XX
8 / 14	433	204	100	104	147	85	62	82	42	40
15 / 30	2.133	464	213	251	1.587	1.018	569	86	52	34
31 / 49	856	160	79	81	660	445	215	36	25	11
50 e +	939	122	68	54	776	556	220	41	33	8
N/C	155	25	16	9	113	81	32	17	11	6
		4.499			3.300			262		

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Entre os 8.061 indivíduos falecidos registrados temos 155 que não vêm acompanhados das idades e, portanto, não podemos incluí-los na tabela nº 3. Destes, 113 (72,9%) eram africanos, o que apenas confirma que as idades dos nascidos naquele continente são, na maioria dos casos, uma estimativa baseada na aparência física dos mesmos. Mas também muitos destes registros devem ter sido feitos logo da chegada destas vítimas do tráfico internacional e interprovincial à Capital da Província de São Pedro. Os traficantes de almas não tiveram tempo nem de supor uma idade para estes indivíduos de cuja morte foram cúmplices, já que o falecimento certamente foi decorrência direta ou indireta do desgaste físico e emocional das viagens empreendidas.¹²

Os homens são a maioria em todas as faixas etárias entre os africanos; já entre os crioulos percebemos um equilíbrio entre os sexos. Computando os números totais temos 50,79 % crioulos homens falecidos e 49,21 % mulheres. Entre os africanos os números se alteram consideravelmente – 66,49 % de defuntos do sexo masculino e 33,51 % de mulheres.

Abordando as faixas etárias, os números são assustadores e apontam para uma elevada mortalidade infantil – 78,33 % dos óbitos dos escravos crioulos (nascidos no Brasil) ocorreram até os 7 anos de idade. Já os nascidos no continente africano apareceram nos registros de óbito com mais frequência na idade adulta (se assim considerarmos os entre 15 e 49 anos) – foram 2.247 ou 68,09 % do número total de 3.300. Esta concentração talvez indique ser esta a idade mais frequente de chegada destes indivíduos através dos canais ainda pouco conhecidos do tráfico, mas também que sendo esta faixa etária considerada a mais produtiva, também era a de maior desgaste físico e de exposição às causas das enfermidades.

Uma das possibilidades dos registros de óbito é uma análise da população africana da província. Como já dissemos, temos o registro do falecimento de 3.300 africanos na capital da Província, entre 1820 e 1858, compondo 40,94% do total. Destes, 1.079 são apenas mencionados como *africanos*, 88 de *Nação*, além de uma proveniência que não conseguimos identificar com precisão¹³, restando 2.132 indivíduos, assim distribuídos:

Tabela 4. Óbitos de escravos procedentes da África Ocidental

Nação	Homens		Mulheres		Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	% ¹⁴	% ¹⁵
Costa	234	67,24	114	32,76	348	53,05	16,32
Mina¹⁶	189	67,74	90	32,26	279	42,53	13,09
Calabar	7	63,64	4	36,36	11	1,68	0,51
Nagô	8	57,14	6	42,86	14	2,13	0,66
Ussá	2	66,67	1	33,33	3	0,46	0,14
Cabo Verde	1	100,00	XX	XX	1	0,15	0,05
TOTAL	441	67,23	215	32,77	656	100,00	30,77

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Tabela 5. Óbitos de escravos procedentes da África Oriental

Nação	Homens		Mulheres		Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	% ¹⁷	% ¹⁸
Costa de Leste	1	50,00	1	50,00	2	0,92	0,09
Moçambique	161	75,23	53	24,77	214	99,08	10,04
TOTAL	162	75,00	54	25,00	216	100,00	10,14

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Tabela 6. Óbitos de escravos procedentes da África Central Atlântica

Nação	Homens		Mulheres		Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	% ¹⁹	% ²⁰
Angola	86	69,35	38	30,65	124	9,84	5,82
Benguela	200	60,06	133	39,94	333	26,43	15,62
Cabinda	222	67,89	105	32,11	327	25,95	15,34
Cassanje	18	66,67	9	33,33	27	2,14	1,27
Congo	268	76,79	81	23,21	349	27,70	16,37
Ganguela	XX	XX	1	100,00	1	0,08	0,05
Macuhan	1	100,00	XX	XX	1	0,08	0,05
Mohumbe	1	100,00	XX	XX	1	0,08	0,05
Moianje	1	100,00	XX	XX	1	0,08	0,05
Monjolo	32	91,43	3	8,57	35	2,78	1,64
Mufumbe	1	100,00	XX	XX	1	0,08	0,05
Quissama	1	100,00	XX	XX	1	0,08	0,05
Rebolo	34	57,63	25	42,37	59	4,68	2,77
TOTAL	865	68,65	395	31,35	1.260	100,00	59,10

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

¹²O africano preto João faleceu em abril de 1824 em poder de Dimas Antonio dos Santos, já que seu senhor Sebastião José dos Santos morava no Rio de Janeiro, de onde havia recém-chegado (Livro de Óbitos da Catedral nº 3, 88v). A Benguela Bernarda e o Congo Manoel faleceram em 1826 e seus senhores, Antonio José de Medeiros e Bernardo José Rodrigues Filho (respectivamente) também tinham residência na Corte (Livro de Óbitos de Escravos da Catedral nº 3, folhas 116v e 117).

¹³Trata-se de Manoel, africano de nação Oliman ou Climan, 13 anos, escravo de Manoel Lopes Guimarães, falecido de disenteria - Livro de Óbito da Catedral nº 3, 17-02-1829, folha 215.

¹⁴Refere-se ao número total de africanos da Costa Ocidental (656).

¹⁵Refere-se ao número total de africanos em cujos registros constam nações específicas (2.132).

¹⁶Somamos aos Minas um escravo Gege, já que estas nações aparecem repetidamente citadas conjuntamente: Gege-Mina, Mina-Gege.

¹⁷Refere-se ao número total de africanos da Costa Oriental (216).

¹⁸Refere-se ao número total de africanos em cujos registros constam nações específicas (2.132).

¹⁹Refere-se ao número total de africanos da Costa Ocidental (656).

²⁰Refere-se ao número total de africanos em cujos registros constam nações específicas (2.132).

De acordo com as tabelas 4, 5 e 6 temos: 1.260 (59,10 %) da África Central Atlântica, 656 (30,77 %) da África Ocidental e 216 (10,13 %) da África Oriental. A tabela abaixo mostra a divisão entre os sexos, considerando as diferentes procedências:

Tabela 7. Óbitos de escravos africanos, por gênero e procedência (1820 a 1858)

Origem	Homens		Mulheres		Razão de sexo
	Número	%	Número	%	
Africanos (total)	2.194	66,48	1.106	33,52	198
África Ocidental	441	67,23	215	32,77	205
África Oriental	162	75,00	54	25,00	300
África Central Atlântica	865	68,65	395	31,35	219
Crioulos	2.285	50,79	2.214	49,21	103

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Os dados coletados nos livros de óbitos, entretanto, nos revelam um grau de africanidade maior do que o demonstrado pelas tabelas de número 4, 5, 6 e 7. Isto pode ser verificado se analisarmos os dados disponíveis sobre as mães dos falecidos. Dos 8.061 registros, 3.453 (42,83) trazem a menção a mãe das crianças falecidas. Dos 4.499 crioulos falecidos²¹, 1.782 tinham mãe africana, ou seja, 39,61 % do total.

Tabela 8. Procedências das mães dos escravos falecidos (1820/1858)

África			774
Nação			53
África Oriental	Moçambique	98	98
África Ocidental	Cabo Verde	1	408
	Costa	222	
	Mina	178	
	Nagô	7	
África Central Atlântica	Cabinda	150	449
	Benguela	126	
	Congo	105	
	Angola	40	
	Monjolo	10	
	Rebolo	14	
	Cassanje	4	

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Comparando os dados dos falecidos com os das mães da tabela 8, percebemos uniformidade – 10 % eram da África Oriental, 42,72% da África Ocidental e 47,02 %

da Central Atlântica, com uma diminuição considerável da diferença entre estes dois últimos grupos.²² Assim, 1.782 dos falecidos eram filhos de mães africanas, portanto, crioulos no nascimento, mas culturalmente muito ligados ao mundo africano de suas mães. Para reforçar ainda mais a questão da africanidade, chamamos a atenção de que quatorze crianças crioulas falecidas eram filhas de mãe também crioulas, mas o pai era africano. Salientamos que este número deveria ser bem maior, mas o nome do pai somente aparece nestes registros quando se tratava de casais cujas relações foram sacramentadas pela Igreja. Os milhares de casos de *filhos naturais* certamente eram frutos de relações consensuais, amasiamentos muitas vezes de grande estabilidade, mas que não haviam recebido a benção religiosa, pelo menos não da Igreja católica. Fichamos cinquenta e oito registros de falecimentos de filhos legítimos, sendo 11 casais formados de mãe crioula e pai africano.

Quanto às definições de cor, encontramos quatro: *cabra, negra, parda e preta*, sendo as duas últimas absolutamente majoritárias. Apenas quatro dos falecidos foram definidos como cabras, nenhum deles constando a origem. Como negros aparecem somente três, todos mortos no mesmo ano (1822) e provenientes da Costa da África.²³ Concordando que estes registros são em muito pequeno número para que possamos fazer qualquer análise, vejamos os pardos e pretos.

Nestes casos – dos indivíduos descritos nos registros de óbitos como de cor *preta* ou *parda* – percebemos uma considerável homogeneidade. Temos 261 registros de indivíduos de cor parda, destes, 47 explicitamente discriminados como crioulos (18 %) e dos que não constam a origem, 40 tinham até 8 anos de idade. Com este duvidoso acréscimo, ou seja, considerando que os pardos falecidos com até 8 anos fossem crioulos, subimos nosso percentual para 87 casos. Assim, teríamos uma associação de 34 % de casos entre a cor parda e a origem crioula. Sendo possível, mas não seguro, definir os pardos como crioulos, apesar desta cor aparecer preferencialmente associada aos nascidos no Brasil e pouquíssimo aos africanos. Apenas em dois casos temos a associação entre origem africana e cor parda, sendo um deles do Congo.²⁴

Contudo, a cor que mais aparece nos registros eclesiásticos de óbito é a *preta*. Temos um total de 1.568 indivíduos descritos como pretos, sendo este item intimamente associado à procedência africana - cerca de 90% deles nasceram no continente africano: excluindo os quatro africanos negros e os dois pardos citados nos parágrafos acima, o restante foi registrado como de cor *preta*.²⁵

²¹ A referência às mães encontra-se preferencialmente registrada quando os falecidos tinham até 9 anos de idade – 3.375 do total.

²² Recordemos que os números gerais dos óbitos indicam, entre 1820 e 1858, 59,10 % da África Central Atlântica, 30,77 % da África Ocidental Atlântica e 10,13 % da África Oriental.

²³ Luzia, de 50 anos (29-7-1822), Roque, de 18 anos (23-07-1822) e José, também com 50 anos (01-8-1822) - Livro de Óbitos nº 3 da Catedral.

²⁴ Joaquim (29-01-1835) e Rosa, de 40 anos, africana do Congo - Livro 4 de Óbitos da Catedral.

Quando usamos a palavra *cor* relacionando-a com a procedência não queremos incorrer no erro de homogeneizar os escravos africanos, tomando-os na simplificação rasteira de possuírem idêntico matiz de pele.²⁶ Conforme o Dicionário Silva (1813: p. 469) cor é “a sensação, que causa nos olhos, a luz reflexa dos corpos”; mas também é “aparência, desculpa com que se encobre a fealdade da coisa - tem cores de coisa boa”. Na forma que estamos tratando a definição *preta*, ela é vista como uma *identidade atribuída*²⁷, não relacionada essencialmente a cor da pele, mas principalmente ao nascimento no continente africano.²⁸

Para entender melhor o que significavam estes referenciais de óbito que vimos tratando, recorremos a dicionários médicos do período, que parecem ser compilações tanto do pensamento científico da medicina, como de fontes alternativas diversas, como das culturas indígenas, africanas e populares em geral. Através dos dicionários médicos de Langaard e Chernovitz, confeccionamos uma coletânea de verbetes das doenças citadas, que nos auxiliou a compreender um pouco mais as causas das mortes. Além disso, nos baseamos nas classificações de doenças feitas pela historiadora norte-americana Mary Karasch (2000), para os óbitos de escravos do Rio de Janeiro, e Iraci del Nero da Costa (1976), para os falecimentos na Vila Rica colonial.²⁹

Compilando as dificilmente classificáveis doenças, temos:

Tabela 9. Óbitos de escravos: classificações das Doenças

Classificação da doença	Nº casos	Causas morte
Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	136	Abcesso (6 casos), apostema (86), feridas (10), sarna (33)
Doenças reumáticas	21	Febre reumática (1 caso), gota (11), reumatismo (9)
Gravidez, parto	62	Parto (60 casos), inflamação no útero (2)
Infeciosa	2.192	Disenteria (699), Bexiga (309), tuberculose (256), sarampo (147), coqueluche (146), escarlatina (135), febre (126), tifo (111), tétano (77), bichas (30), garrotilho (22), ascarides (19), erisipela (16), cólera (16), lombrigas (15), sífilis (12), outros (56)
Mal Definida	1.697	Moléstia interna (1.295), Repentinamente (179), inflamação (26), Chagas (23), dor (23), moléstias crônicas (13), cólica (11), velhice (10), vários (117)
Morte violenta e acidental	239	Afogados (110 casos), assassinato (33), queimaduras (18), quedas (14), facadas (10), apareceu morto (10), tiro (7), raio (7), outros (30 casos)
Não consta	146	
Primeira infância	1.606	Moléstias internas (989 casos), tétano [umbilical] (249, sendo 10 de mal dos 7 dias e 4 gangrena umbilical), recém-nascido (226), dentição (76), convulsões (29), espasmos (29), outros (8)
Sistema circulatório	29	Aneurisma (12 casos), cardialgia (8), enfermidade no coração (8), hidrocardite (1)
Sistema digestivo	1.013	Hidropisia (270 casos), diarreia (257), constipação (207), gastroenterite (59), hepatite (40), icterícia (40), fígado (33), gangrena ou inflamação intestinal (27), febre biliosa (15), enterocolite (12), indigestão (9), hérnia (8), dor ou inflamação no ventre (7), outros (29 casos)
Sistema geniturinário	6	Moléstias na bexiga (1 caso), inflamação na uretra (2), retenção ou dor de urinas (3)
Sistema nervoso	318	Estupor (94 casos), ar de espasmo ou de estupor (80), apoplexia (47), congestão cerebral (30), espasmos (30), ataque cerebral (14), paralisia (6), febre nervosa (4), mentecapta (3), doido (2), epilepsia (2), frenesi (2), inflamação no cérebro (1), combustão (1), louca (1), pismo (1)
Sistema respiratório	596	Defluxo (124 casos), pleuris (121), ataque ou dor no peito (78), tosse (64), pneumonia (56), catarral ou catarro pulmonar (42), ataque pulmonar (28), pulmonia (14), bronquite (12), vômita (10), asma (10), esquinência (9), outros (28)

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

Optamos em colocar na tabela nº 10 as causas das mortes que mais apareceram, para facilitar o diálogo com outros pesquisadores que tratem de temas correlatos, já que percebemos que não existe ainda consenso sobre a classificação das doenças. Resumindo o quadro, temos:

Tabela 10. Classificações das doenças: principais agrupamentos

Classificação da doença	Nº casos	% do total
Infeciosa	2.192	27,20
Mal Definida	1.697	21,05
Primeira infância	1.606	19,93
Sistema digestivo	1.013	12,57
Sistema respiratório	596	7,39
Sistema nervoso	318	3,95
Morte violenta e acidental	239	2,96
Não consta	146	1,81
Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	136	1,67
Gravidez, parto	62	0,77
Sistema circulatório	29	0,36
Doenças reumáticas	21	0,26
Sistema geniturinário	6	0,07

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4, 5 e 6.

No intuito, quase desesperador, de classificar as doenças, optamos em dividir as ditas *moléstias internas*, que no cômputo total forma 2.282 causas mortes. Ao

²⁵O número exato é 89,41 % de africanos de cor preta. Os sete crioulos que aparecem com esta cor são: Joana, 60 anos (16-09-1820), Tereza, 30 anos (30-09-1820), Francisco, 30 anos (07-10-1820), Leonor, 12 anos, da Bahia (02-05-1822), Maria, 10 anos (21-01-1830), Francisca, 12 anos (30-08-1838) e Rita, 35 anos, da Bahia (15-12-1855).

²⁶A respeito disso é interessante voltarmos ao caso inicial e acompanharmos a descrição dos parceiros de Lourenço Cabinda, que ao desenterrá-lo mencionaram que ele estava diferente do habitual, pois “apesar da cor fula que o assemelhava a pardo, estava bastante denegrido”.

²⁷VIANA, Larissa. *O Idioma da Mestiçagem*: as irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007: p. 42.

²⁸Nenhuma mãe africana é descrita como *parda*, *negra* ou *cabra*; quando alguma definição aparece – e isso acontece em 524 dos registros – é sempre a definição *preta*.

²⁹KARASCH, Mary C. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro - 1808 / 1850*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000; COSTA, Iraci del Nero da. Vila Rica: mortalidade e morbidade (1799-1801). In: BUESCU, M; PELÁES, C. M. (Coord.). *A moderna história econômica*. Rio de Janeiro: APEC, 1976. p. 115-127. Além destes, ver também: SOUSA, Jorge Prata de. Anotações a respeito de uma fonte: os registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, século XIX. *Cadernos Saúde Coletiva*. V. XI, n 1, p. 33 – 58, jan./jun. (33-58), 2003; PETIZ, Silmei de Sant'Ana. *Enfermidades de Escravos no Sul do Brasil*. In: PORTO, Ângela (Org.). *Doenças e Escravidão*. Sistemas de saúde e práticas terapêuticas. Rio de Janeiro, Casa Osvaldo Cruz, 2007; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. “Funesto inventário de moléstias que o continente negro nos legou”: A morbidade da população escrava no século XIX através dos registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. In: SANTA CASA de Misericórdia de Porto Alegre: *Histórias reveladas*. Porto Alegre: Editora da ISCMPA, 2009, p. 118-132; e MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Moléstias dos Pretos Corpos: Doença, saúde e Morte entre a População Escrava de Porto Alegre no Século XIX (1820/1858). In: *História da Medicina, Instituições e Práticas de Saúde no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 139-160.

analisá-las mais detidamente, percebemos que 989 destes óbitos referiam-se a crianças entre 0 e 7 anos e optamos em arranjá-los na classificação Primeira Infância. Notamos a hegemonia das doenças infecto-contagiosas, o que pode ser confirmado se listarmos apenas as causas mortes mais citadas:

Tabela 11. Principais causas das mortes de escravos (1820/1858)

Classificação da doença	Causas morte	Número
Infecciosa	Disenteria	699
Infecciosa	Bexiga	309
Sistema digestivo	Hidropisia	270
Sistema digestivo	Diarreia	257
Infecciosa	Tuberculose	256
Primeira infância	Tétano [umbilical]	249
Sistema digestivo	Constipação	207
Sistema respiratório	Defluxo	124
Sistema respiratório	Pleuris	121
Morte violenta e acidental	Afogados	110
Sistema nervoso	Estupor	94
Doenças da pele	Apostema	86
Sistema nervoso	ar de espasmo ou de estupor	80

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4,5 e 6.

Por questões de espaço não nos alongaremos na análise individualizada de cada doença, já que o presente artigo pretende apenas explorar as possibilidades desta fonte de pesquisa. Na tabela de nº 12, podemos perceber que ocorre uma alteração no quadro das causas morte, se introduzirmos a variável origem.

Tabela 12. Óbitos de escravos: classificação das doenças, gênero e procedência.

Classificação	Crianças		% total crianças	Colocação crianças	Africanos		% total africanos	Colocação africanos
	M	F			M	F		
Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	34	24	1,29	8º	55	18	2,21	7º
Doenças reumáticas	4	2	0,13	12º	11	4	0,12	12º
Gravidez, parto	XX	13	0,29	10º	XX	49	1,48	8º
Infecciosa	655	645	28,89	2º	539	257	24,12	2º
Mal Definida	184	229	9,17	4º	769	440	36,63	1º
Morte violenta e acidental	35	17	1,15	9º	150	29	5,42	6º
N/C	42	45	1,93	7º	29	14	1,30	9º
Primeira infância	851	743	35,41	1º	5	6	0,34	11º
Sistema circulatório	7	4	0,24	11º	11	6	0,51	10º
Sistema digestivo	243	249	10,93	3º	327	165	14,90	3º
Sistema geniturinário	XX	2	0,04	13º	3	1	0,12	12º
Sistema nervoso	56	62	2,62	6º	132	57	5,73	5º
Sistema respiratório	176	179	7,89	5º	163	60	6,76	4º

Fontes dos dados: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre / Livros de Óbitos de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nº 3, 4,5 e 6.

O nosso intento neste artigo, como dissemos, era apenas esboçar alguns comentários sobre doença e morte da população escrava. Certamente ficou claro que os levantamentos ainda estão sendo feitos e que muito ainda pode ser entendido através dos registros (ou atas) de falecimento, principalmente quando cruzadas com outras fontes primárias. Se a presença de escravos africanos chama a atenção, também o falecimento de crianças deve ser ressaltado, clarificando uma elevada mortalidade infantil. Entre as causas de morte das crianças aparece seguido o "mal dos sete dias", também chamado de "tétano dos recém-nascidos", "gangrena umbilical" ou tétano umbilical, assim descrito pelo Dr. Langaard:

É uma afecção que sem dúvida parte da medula espinhal [...] É frequente nos países tropicais e em toda a América do Sul; é raro na Europa. A moléstia começa ordinariamente 12 horas depois do parto, raras vezes ou talvez nunca, depois do sétimo dia, razão porque mui acertadamente o vulgo lhe dá o nome.

Os Registros de Óbitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Construída em uma parte elevada da capital da província de São Pedro, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre ainda hoje impressiona por seu prédio imponente. Em seu interior funciona há alguns anos o Centro de Documentação e Pesquisa, que mantém sob sua guarda acervo gerado por esta instituição desde a sua criação nos primórdios do século XIX.³⁰

Em 2007 os historiadores deste CEDOP publicaram a transcrição dos registros de óbito de cativos que abarcavam o período de 1850 a 1884. O ano inicial demarca a criação do cemitério desta instituição no extra-muros da capital, já 1884 é uma alusão a emancipação antecipada que teria ocorrido naquele ano. Sabemos que tal abolição prematura foi mais uma farsa do que realidade, já que escravos continuaram existindo e a maioria dos libertandos ficou presa a cláusulas de prestação de serviços.³¹ Os dados desta publicação foram inseridos em um banco de dados, tal como os dos registros paroquiais, chegando a um total de 7.095 assentamentos.³²

Sem contabilizar os 391 casos em que não havia a menção de sexo do falecido (em casos de epidemia) ou quando o nome não permitia que se soubesse a que gênero pertencia (principalmente por dificuldades de

³⁰FRANCO, Sérgio da Costa. *Santa Casa 200 anos: caridade e ciência*. Porto Alegre: Ed. da ISCMPA, 2003.

³¹CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL DA SANTA CASA. *Africanos na Santa Casa de Porto Alegre: óbitos dos escravos sepultados no cemitério da Santa Casa (1850-1885)*. Porto Alegre: EST, 2007.

³²Na inserção destes dados no banco de dados, contei com o auxílio de duas pesquisadoras alunas da graduação em história da UNISINOS, as quais agradeço imensamente: Cláudia Maria Reinhardt e Catia Andriolli Faria.

transcrição no registro original), temos 2.869 do sexo feminino (42,80 %) e 3.835 do sexo masculino (57,2%). Essa diferença em parte se explica pela origem dos defuntos – 2.225 eram africanos (31,36% do total) de nações diversas, e entre estes predominavam os varões. Descartando os 9 africanos dos quais não conseguimos descobrir o gênero, temos 1.562 homens (70,48%) e 654 mulheres (29,52%).

Tabela 13 - Levantamento dos óbitos de escravos, por origem e gênero

Anos	Total	% do total	Masculino			Feminino			Sem Gênero		
			Cr	Afr	S/Gên	Cr	Afr	S/Gên	Cr	Afr	S/origem
1850/1854	1.580	22,27	508	395	11	471	158	5	19	2	11
1855/1859	1.930	27,20	401 ³³	414	93	429	212	55	13	3	310
1860/1864	980	13,81	322	212	9	319	106	4	6	2	XXX
1865/1869	1.148	16,18	374	242	26	378 ³⁴	100	13	14	1	XXX
1870/1874	758	10,68	255	168	5	270	48	4	6	1	1
1875/1879	478	6,74	161	93	14	181	27	1	1	XX	XXX
1880/1885	221	3,12	81	38	13	81	3	4	1	XX	XXX
Totais	7.095	100,00	2.102	1.562	160	2.129	654	86	60	9	322

Fontes dos dados: CEDOP.

Observando a tabela 13, constatamos que 49,57% dos óbitos se concentram em 10 anos (1850 a 1859), efeito da epidemia do cólera. De acordo com essa mesma tabela, podemos verificar uma diferença considerável entre a divisão de gênero entre crioulos (nascidos no Brasil) e africanos, o que é compreensível pela composição da população africana traficada pelo Atlântico.

As especificações quanto aos grupos de origens ou nações dos africanos registrados na Santa Casa são menos ricas do que as que encontramos nos registros paroquiais. Dos 2.225 óbitos, 1.564 são apenas mencionados como *africanos* (1.341) ou *de nação* (223), compondo 70,29%. Os 661 restantes estão assim distribuídos:

Tabela 14 - Levantamento dos óbitos de escravos, por grupos de procedência

Nação	Nº de óbitos	Região
Congo	24	África Central Atlântica
Benguela	8	África Central Atlântica
Cabinda	13	África Central Atlântica
Cassanje	2	África Central Atlântica
Monjolo	4	África Central Atlântica
Rebolo	5	África Central Atlântica
SãoTomé	2	África Central Atlântica
Angola	11	África Ocidental
Costa	555	África Ocidental
Gege	1	África Ocidental
Mina	11	África Ocidental
Nagô	15	África Ocidental
Moçambique	10	África Oriental

Fontes dos dados: CEDOP.

O uso de generalizações impede vãos analíticos, mas, de acordo com os dados do quadro 1, teríamos 58 da África Central Atlântica, 593 da Costa Ocidental e 10 da Oriental. A disparidade se dá não só pelas poucas referências às nações dos falecidos, mas pela incerta denominação *da Costa*. Como podemos perceber, por exemplo, na Relação nominal da População do Município de Jaguarão (de 22.11.1833), os indivíduos responsáveis pelos registros muitas vezes usavam essa expressão como uma referência genérica à *Costa da África*.³⁵ Homogeneizavam-se todos por serem africanos. Frustra-mos pensar nessa limitação da fonte, mas isso fica ainda mais claro quando percebemos que existem pelo menos 9 casos em que os funcionários da Santa Casa de Porto Alegre acrescentaram à origem *da Costa* um grupo de procedência um pouco mais específico: 1 - Costa/Benguela, 4 - Costa / Cabinda, 1 - Costa / Cassanje, 1 - Costa / Mina, 1 - Costa / Monjolo e 1 - Costa / Rebolo. Se arbitrariamente colocássemos os *da Costa* entre os da África Ocidental, agora teríamos essa denominação associada majoritariamente a África Central Atlântica, o que só evidencia a relatividade dessa referência de origem.

Na tabela número 15 cruzamos as variáveis faixa etária, origem e gênero, obtendo um quadro necrológico da população da capital da província nos oitocentos.

Tabela 15 - Óbitos de escravos, por faixa etária, origem e gênero

Faixa etária	Total	Africanos				Crioulos				N/C			
		Total	Fem	Masc	N/C	Total	Fem	Masc	n/c	Total	F	M	N/C
Dos 0 aos 7	2.351	15	7	8	XX	2.322	1.098	1.184	40	14	6	8	XX
Dos 8 aos 14	296	8	2	6	XX	286	140	138	8	2	XX	2	XX
Dos 15 aos 30 anos	1.190	273	79	192	2	886	488	392	6	31	18	13	XX
Dos 31 aos 49 anos	1.159	659	202	455	2	472	249	221	2	28	12	16	XX
De 50 e mais	1.510	1.199	339	855	5	297	141	152	4	14	7	7	XX
Não consta idade	589	71	25	46	XX	28	13	15	XX	490	43	125	322
Total	7.095	2.225	654	1.562	9	4.291	2.129	2.102	60	579	86	171	322

Fontes dos dados: CEDOP.

Considerando os 6.506 registros em que identificamos a idade dos falecidos, constatamos que mais de 36% finaram entre o momento do nascimento e os 7 anos de idade. Se restringirmos nossa abordagem apenas aos crioulos, veremos que 54,48% dos nascidos no Brasil falecidos e registrados na Santa Casa estavam nessa mesma faixa etária.³⁶ Isso evidencia a elevada mortalidade de crianças cativas naquela sociedade, muitas vezes acompanhadas de suas mães. O Dr. Langaard mencionava em seu dicionário o assombramento que o tomava quando via as péssimas condições de higiene das “*negras paridas*” nas fazendas, enclausuradas após o parto em quartos pequenos, escuros, hermeticamente fechados e úmidos.³⁷ Crias geradas por mães com deficiências alimentares, as

³³ Um dos crioulos nasceu em Montevidéu.

³⁴ Um dos crioulos nasceu em Montevidéu.

³⁵ Nessa relação de 1833, todos os 2.701 *pretos* (47,66 % total), ai incluídos libertos e escravos, eram divididos em crioulos e *da Costa*. Ver: Moreira, 2009.

³⁶ Neste cálculo estamos usando os 4.263 crioulos falecidos, que traziam a menção das suas idades.

³⁷ LANGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. 3º Volume. 2ª edição, Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1872: p. 578.

crianças cativas já atravessavam os primeiros anos de vida lutando para sobreviver. Talvez a atribuição da sociedade dos oitocentos a esta faixa etária (até os 7 anos de idade) a condição de infância estivesse em parte atrelada à fragilidade desses entes. Seria esse um período de certa expectativa em que não se sabia se o menino ou menina *vingariam*.

Os óbitos dos africanos estavam concentrados dos 15 anos em diante (98,94%); apenas 23 faleceram com menos que esta idade. É plausível procurarmos explicações para essa concentração na composição do tráfico internacional de escravos, que trazia ao Brasil preferencialmente homens adultos. Além disso, essa idade madura reflete o momento de maior força física e habilidade profissional; portanto, de maior exploração da força de trabalho, gerando desgaste físico e morte. E os 55,66 % de africanos falecidos com 50 ou mais anos de idade? Trata-se de uma idade avançada para indivíduos que passaram pelos traumas (de efeitos físicos e psicológicos) da escravização em seu território de origem, da viagem do tráfico (transatlântico e, na maioria dos casos, interprovincial) e da vida no cativeiro sulino. Sabemos que essas idades não eram efetivas e que se baseavam mais na aparência do indivíduo do que na sua data de nascimento. Assim, a doença, o estado de moribundo, a fraqueza, provavelmente envelheciam os africanos, aos quais eram atribuídas idades superiores às que realmente tinham. Mas outra explicação aceitável é que muitos desses indivíduos eram vítimas do tráfico internacional clandestino e, portanto, foram envelhecidos precocemente, para que parecessem ter sido importados antes de 1831 ou 1850.

Tabela 16 – Óbitos de escravos:
 classificação das causas das mortes

Classificação das Doenças	Anos								% do Total
	50/54	55/59	60/64	65/69	70/74	75/79	80/85	Total	
Infeciosa	465	1.115	256	377	228	169	73	2683	37,82
Sistema digestivo	285	238	231	195	115	51	26	1141	16,81
Primeira infância	241	162	128	142	60			733	10,33
Sistema respiratório	200	125	87	67	84	48	7	618	8,71
Mal definidas	173	96	86	97	84	54	27	617	8,70
Sistema nervoso	102	82	74	83	62	47	32	482	6,05
Sistema circulatório	22	42	50	79	62	38	15	308	4,34
Morte violenta e acidental	44	28	33	24	26	31	13	199	2,81
Sem assistência de médico	1	1	7	49	13	21	14	106	1,49
Gravidez, parto e puerpério	12	10	11	12	7	4	5	61	0,86
Não consta	18	10	7	5	3	7	9	59	0,83
Doenças da pele ³⁸	6	8	4	6	3	4		31	0,44
Doenças reumáticas	5	8	5	5	5	2		30	0,42
Sistema geniturinário	6	5	1	7	6	2		27	0,39

Fontes dos dados: Centro de Documentação e Pesquisa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Seguindo as classificações de Mary Karasch (2000), temos uma predominância das doenças infectocontagiosas – mas essa predominância é exacerbada pela epidemia do cólera, que altera o levantamento das causas de morte. Encontramos 918

óbitos com essa causa, começando com a preta da costa da África Eva, falecida em 15 de dezembro de 1850, aos 28 anos, e enterrada no mesmo dia, *mercadoria com alma* pertencente a Antonio José dos Santos. O pico mesmo das mortes foi em 1855, com o registro de 777 passamentos, prosseguindo no ano seguinte com mais 53. Em 1861 temos um registro e em 1867 são 84 mortes causadas pelo cólera. Seguem-se mais dois óbitos isolados, um em 1872 e outro no ano seguinte.

Mas, se descartássemos os óbitos causados pelo cólera, ainda teríamos 1765 falecimentos causados por moléstias infectocontagiosas, o que manteria esse grupo de doenças no primeiro lugar de nossa tabela. Cabe ainda mencionar que muitas das mortes atribuídas ao cólera foram atestadas não por médicos, mas por autoridades públicas (Inspetores de Quarteirão, senhores, padres, subdelegados, etc.), podendo assim o medo epidêmico ter encoberto outras causas morte.

Mas outras doenças infectocontagiosas causam abundantes mortes entre a escravaria local, além do cólera: a varíola/bexiga abateu 203 cativos, a disenteria 273, o tifo 194, a tísica/tuberculose 594. A varíola podia ser chamada de bexigas ou bexigas confluentes, e era descrita nos dicionários médicos da época como “uma erupção geral de borbulhas pelo corpo, que se convertem em grandes pústulas redondas e purulentas; acabam pela dessecação e deixam nodoas vermelhas, as quais sucedem cicatrizes mais ou menos aparentes”.³⁹ Aliás, essa característica da bexiga de marcar os corpos com cicatrizes pode ser encontrada nos anúncios de fuga de escravos. Na edição de 16 de junho de 1879, o jornal O Mercantil, de Porto Alegre, publicava um anúncio com as características da escrava fugida e as roupas que vestia:

ATENÇÃO: desapareceu da cidade de São Leopoldo, no dia 9 do corrente, a escrava de nome Juliana de cor parda, bexigosa, levou vestido de chita preta e casaco de pano da mesma cor. Gratifica-se a quem dela der notícia na praça Conde D'eu nº 7. [Grifos nossos]

Como percebemos na Tabela 16, 199 óbitos foram atribuídos a mortes violentas e acidentais, sendo a maioria (86 casos) por afogamento. Muitas dessas *asfixias por submersão* foram realmente fruto do acaso ou do acidente, produtos de uma cidade que usava intensamente suas vias fluviais. Eram os cativos marítimos, marinheiros, catraieiros, pescadores, remadores, que encontravam o fim de seus dias trabalhando no transporte de mercadorias e passageiros, ou produzindo alimentos para a capital que crescia. Mas muitos eram apontados como sendo vítimas de *suicídio*

³⁸Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo.

³⁹CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarias para Uso das Famílias*. 1º Volume. 6ª edição, Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890: p. 325.

voluntário, por afogamento, enforcamento, degola, envenenamento. A redundância talvez seja uma necessidade de afirmar que se tratava de atos espontâneos, sem coação, ou seja, que não foram assassinados. Uma palavra recorrente nos registros de mortes violentas é “apareceu” – “apareceu morto”, “apareceu afogada”, “apareceu degolada”. Segundo o dicionário Morais Silva (1813) a palavra “aparecer” estava diretamente vinculada à palavra “parecer” – ou seja, mais do que “surgimento repentino”, ou, além disso, a expressão indica uma certa dúvida sobre o ocorrido. Nos registros eclesiásticos de óbitos, não raro aparece, ao lado desses registros, a expressão: “após examinado pela polícia”, indicando sempre a possibilidade de um crime. É claro que a presença da ação pública policial e judiciária, na maioria desses casos, também *parecia* ser eficiente. Mais do que efetiva e eficaz, era uma necessidade de uma aldeia que queria *parecer* uma urbe. Tal ação pública – policial e judiciária – era muitas vezes colocada em ação quando uma denúncia no jornal a acionava.

Em 15.8.1883, por exemplo, foi anotado, nos livros da Santa Casa, o óbito do preto Fortunato, de 24 anos, crioulo desta Província, cativo pertencente a Manoel Joaquim Camacho, sendo seu falecimento apontado de “causa ignorada”. No dia anterior o Jornal Mercantil publicou uma pequena notícia alertando as autoridades, com o título sugestivo de “Haverá Crime?”.

Ontem apareceu dentro de uma canoa, nas Ilhas Fronteiras, o corpo de Fortunato de Tal, escravo de Manuel Joaquim Camacho, tendo ao seu lado uma espingarda voltada para ele, e com a qual parece ter se suicidado. O referido escravo tinha vindo há 4 dias para esta cidade com um carregamento de capim e na impossibilidade de o colocar, estava ele mesmo vendendo-o. Ontem, porém, foi ele encontrado morto dentro da canoa constando não haver dado providência alguma a autoridade competente no empenho de verificar-se se há um crime ou simplesmente um suicídio.

Em 15.11.1877, foi registrado o óbito do escravo João, de cor preta, solteiro, 48 anos, africano, trabalhador pertencente a D. Margarida Eufrazia dos Reis, por “asfixia por estrangulamento”. O Jornal Riograndense

tranquilizou os moradores de Porto Alegre publicando, no dia seguinte, uma nota informando que João havia se enforcado em seu próprio quarto, e sua senhora dizia ignorar o motivo pois era “estimado e já estava passada a sua Carta de Liberdade”!

Adolfo também decidiu enforcar-se na trave de seu quarto na casa do cidadão Estulano Gomes de Melo, na rua da Olaria em Porto Alegre, tendo cometido esse ato instigado, segundo os médicos chamados pela polícia, por sua “hipermania suicida em consequência do vício da masturbação”.⁴⁰ A visão médica do período considerava a masturbação, ou o onanismo, não como uma moléstia, mas um vício abjeto, que se tornava perigoso quando praticado frequentemente (duas a três vezes por dia) causando “grande enfraquecimento dos nervos, incômodos hipocondríacos, convulsões, fraqueza da vista e da memória, e afinal produzindo desânimo, impotência, tédio à vida e suicídio”. Esse vício predominaria entre a puberdade e os 20 anos, “ao qual ao depois sucede o da coabitação”.⁴¹

O discurso médico misturava, sem constrangimento algum, ciência e crítica comportamental, moral e religião. Evidentemente que tais idéias eram compartilhadas por seus contemporâneos, caso contrário os médicos seriam ridicularizados como delirantes (o que em muitos casos ocorreu). Na questão dos vícios parece que existia uma certa divisão entre os *abjetos* (que poderiam causar mal à saúde ou, no mínimo, constrangimentos sociais) e os *corriqueiros* (que, feitos individualmente e com maior ou menor recato, não traziam maiores problemas, a não ser de etiqueta).⁴²

Um dos estorvos de se trabalhar com os registros de óbito é a incerteza das causas morte. Muitas são referências a sintomas, como diarreias e dores, e outras são fluidas o suficiente para abarcar várias realidades médicas. Uma das soluções para, se não sanar, pelo menos atenuar essas dificuldades é o cruzamento de fontes. Em 16 de julho de 1877, por exemplo, foi registrado o óbito por ferimentos do pardo Atanásio, crioulo desta província, escravo de Carlos Rodrigues Chaves. Essa menção superficial encobre um caso de homicídio. Atanásio foi assassinado, segundo ele mesmo declarou antes de espirar, na rua dos Voluntários da Pátria, próximo à rua da Conceição, às 22 horas, por dois italianos moradores a rua do Riachuelo.⁴³

⁴⁰ Arquivo Histórico do RS - Polícia, Delegacia de Porto Alegre, maço 12, ofício de 02.05.1882.

⁴¹ Gilberto Freyre, ao tratar da tristeza entre os escravos, fala do suicídio através do veneno e do hábito de comer terra, consequências do banzo, da saudade da África. Alguns escravos “de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram, mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se” (FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990: p. 478). Ver item “Polluções ou spermatorrhéa” em LANGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1872: p. 336 (3º volume) e p. 352 (2º volume).

⁴² Em 27 de março de 1841, o Capitão das tropas farroupilhas Pedro Lourenço Marques pediu vários itens que deveriam ser descontados de seus vencimentos, para sanar sua situação de nudez: ponche, pano para farda, camisas, algodão para ceroulas, linhas e botões e “fumo para vício”. Arquivo Histórico do RS – Coleção Varela, CV-7941.

⁴³ *Jornal Rio Grandense*, nº 159, ano XII, terça-feira, 17.07.77, página 1, artigo “Assassinato”. Ver também o processo gerado por tal delito: Arquivo Público do Estado do RS – maço 51, processo 1367.

Considerável número dessas causas inexatas acabam sendo registradas como *mal definidas*, como, por exemplo, os cinco falecimentos computados a adinamia, fenômeno assim descrito pelo Dr. Langaard:

Com este nome designa-se uma série de fenômenos, que muitas vezes sobrevém a outras doenças, tornando-se um acidente destas, uma grave complicação. O estado adinâmico, que sempre é um sintoma grave e importuno, caracteriza-se por um abatimento profundo da fisionomia, flacidez das fibras, dificuldade ou impossibilidade de mover-se, perturbação das sensações, afecções morais e das funções intelectuais, fraqueza das palpitações do coração e das artérias, hemorragias passivas por falta de energia. (LANGGAARD: Livro 1, 1872, p. 37).⁴⁴

O administrador da Santa Casa Manuel Correia da Silva (branco, nascido nesta província, 51 anos, casado) informou que Miguel ingressou no estabelecimento de caridade às 18 horas de domingo e faleceu na manhã do dia seguinte “não tendo uso da palavra desde que chegou até que morreu”. Silva disse que nenhum médico “falou com o enfermo nem receitou e que foram prodigalizados todos os socorros que em casos tais é de uso aplicar-se em virtude dos recursos e da prática do estabelecimento”. Segundo o administrador, a Santa Casa contratava os serviços de três médicos: Porfírio Joaquim de Macedo (de cirurgia), Manuel Martins dos Santos Pena (medicina) e Israel Rodrigues Barcelos Filho (dos expostos). Esses médicos visitavam os pacientes diariamente, “os dois primeiros das sete às oito, e o último um pouco mais tarde, à horas alternadas por tratar homeopaticamente”. Não havendo médico no estabelecimento no momento da internação de Miguel, o próprio administrador Manuel Correia da Silva mandou ministrar-lhe remédio, sendo no dia seguinte examinado às 7h30min pelo Doutor Pena, vindo a falecer meia hora depois.

No Auto de Corpo de Delito realizado no cadáver de Miguel foi encontrada uma “erisipela ocasionada por pancada no escroto” e instaurou-se um inquérito contra a senhora Inácia Afonso Alves Barreto (nascida em Pelotas, morava em Porto Alegre havia 6 anos, 30 anos, vivia em companhia de seu marido Francisco José Barreto).⁴⁵ Com a permissão da senhora de Miguel, este foi levado para a casa de Inácia Barreto a

contento, ou seja, para um período de teste, já que estava à venda – “para no caso que lhe agradasse comprá-lo”. Na noite da Quinta-Feira Santa da páscoa de 1875, Miguel foi recolhido muito doente para a casa de sua senhora. Francisca, a senhora de Miguel, chamou no dia seguinte o médico Amadeu Prudêncio Masson (nascido no RJ, 37 anos, casado), que deu dois depoimentos muito interessantes no processo-crime. No primeiro ele admite que seu exame não foi muito consistente, pois o “doente achava-se imundo e deitado no chão sobre uma esteira o que tornara a observação muito incômoda” e o levou a aconselhar a remoção para a Santa Casa de Misericórdia, “a vista da falta das comodidades e cuidados necessários para ser tratado em casa”. Segundo o Dr. Masson,

[...] prognóstico nesta ocasião era grave, atendendo a natureza dos sofrimentos existentes e ainda mais grave pelas complicações que poderiam sobrevir pela falta de cautelas e cuidados indispensáveis, mormente a idade deste escravo que calcula ser de oitenta a noventa anos e do estado de fraqueza em que se achava.

No segundo depoimento o Dr. Masson tratou de afastar da acusada qualquer insinuação de maus tratos. Lembremos que os médicos possuíam uma certa dependência dos senhores, já que boa parte de seus rendimentos era fruto do tratamento das famílias das casas grandes e dos habitantes de suas senzalas. Além disso, o marido da acusada era dos *homens bons* da província. Disse ele na justiça:

Respondeu que em casa da acusada só tratou de uma preta que ali se achava alugada e que esse tratamento foi longo. Que em abono da verdade essa doente foi cuidada pela acusada como uma pessoa da família. Que ele fora chamado sempre que a doença mostrasse alteração e os medicamentos eram aplicados quase sempre, quer de dia, quer de noite, pela acusada e eram mandados vir por conta de seu marido [...] que a doente achava-se acomodada em um bom quarto assoalhado e forrado, em uma cama de casal com colchão, lençóis e coberta de lã, quarto que era contíguo a sala de visitas e fronteiro com o quarto de dormir da acusada. Que este fato por si só fala bem alto e mostra quão humanitários e caritativos são os sentimentos que animam a acusada, e portanto tornam para ele testemunha incrível e improvável acusação que lhe é [atribuída].⁴⁶

⁴⁴O Doutor Chernovitz (página 47) apontava para uma definição semelhante: “reunião de certos sintomas que aparecem nas moléstias graves. Estes sintomas são: abatimento da fisionomia, dificuldade ou impossibilidade de mover-se, diminuição da inteligência, fraqueza do pulso, paralisia da bexiga, mão cheiro das evacuações, etc”. De adinamia faleceu o preto Miguel em março de 1875, com 65 anos, cativo pertencente a Francisca de Souza Pinto. Ele foi recolhido À Santa Casa em 28 de março daquele ano “em uma rede conduzida por dois pretos”, provavelmente cangueiros, que receberam pelo serviço mil réis cada um. Arquivo Público do Estado do RS - 1º Cartório Cível e Crime de Porto Alegre – maço 134, processo-crime nº 3603.

⁴⁵Erisipela: “É uma moléstia de pele, acompanhada de desarranjos da saúde, febre e fenômenos gástricos”. (LANGGAARD: 1872 v.2, p. 96.)

⁴⁶A historiadora Nikelen Witter, em sua tese de doutorado, também utiliza este processo crime. (WITTER, Nikelen. *Males e Epidemias: sofrendores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2007. (Doutorado em História)

Já a liberta crioula Florinda Maria Cipriana da Conceição (50 anos de idade, solteira), criada de servir da casa da acusada, tentou justificar a morte de Miguel denunciando o que vira:

Disse que é verdade que esteve o referido escravo Miguel a contendo em casa de seu amo Francisco José Barreto, e que a senhora deste o espancara, e que em uns dos dias da semana santa, demorando-se Miguel a conduzir no quintal um barril com água suja, a senhora ficou tão incomodada, que pegando em uma acha de lenha, deu-lhe muitas bordoadas e depois dando-lhe pontapés o atirou no chão e sapateou em cima do baixo ventre, pondo em seguida Miguel pela porta fora com a sua trouxa de roupa.

Miguel era um escravo *velho* de 65 anos, mas mesmo assim tinha compradores interessados em adquirir um cativo experiente, certamente para pequenos serviços da casa e adaptação e treino dos mais novos. O *estado adinâmico* descrevia o “abatimento profundo da fisionomia” do cativo que internou moribundo naquele anoitecer de Páscoa, mas não esclarecia o motivo de seus males. Na verdade, a dubiedade dessa causa de morte cabia muito bem para este caso: justificava a morte, mas não apontava com clareza o agente direto que a motivou – os maus tratos senhoriais. Imaginamos quantas vezes a Santa Casa de Misericórdia teve que enfrentar este dilema, de camuflar as máculas da sociedade escravista que atendia caritativamente. O Juiz de Direito Trajano Viriato de Medeiros considerou que o processo era improcedente. Nada a investigar na morte de um escravo de 65 anos, que os maus tratos haviam envelhecido – aos olhos do Dr. Masson – para 80 ou 90 anos.

Mesmo que possa parecer mórbido estudar uma sociedade a partir do falecimento de seus entes, evidencia-se a riqueza de informações que estes registros nos trazem sobre as condições de higiene, alimentação, composição demográfica de meados do XIX. O que fizemos neste artigo foi apontar direções e potencialidades destes imprescindíveis documentos, que ainda estão sendo trabalhados visando uma análise mais completa e exhaustiva.

Consideramos que o projeto em andamento – do qual apresentamos neste artigo algumas percepções –, pode contribuir para a história regional em função do crescimento das demandas de pesquisas ligadas ao estudo da população negra no sul do Brasil. Tal demanda ocorre com o crescimento do número dos laudos histórico-antropológico sobre as comunidades remanescentes de quilombos, da reivindicação da

adoção de medidas de ações afirmativas e da exigência governamental da aplicação ao ensino fundamental de conhecimentos relativos a população afro-descendente e sua história. Da mesma forma, acreditamos que este breve estudo pode lançar luz a pesquisadores que tenham como foco o entendimento da sociedade sul-riograndense a partir de questões como cura, saúde e doença, campo de estudo que têm crescido muito e que oferece mais uma janela de compreensão à dinâmica da história social sulina.

Artigo recebido em: 04/05/2010

Aprovado em: 09/07/2010